

TOLERÂNCIA ZERO - UM SINÔNIMO PARA REPRESSÃO

VANDERLAN HUDSON ROLIM

1º Tenente da PMMG, Graduado em Ciências Sociais, Especialista em Criminalidade em Segurança Pública pelo CRISP-UFMG, Especializando em Segurança Pública e Justiça Criminal pela FJP, especializando em Gestão de Direitos Humanos pela UNIEURO/DF.

Resumo: *Este ensaio apresenta o Programa Tolerância Zero, utilizado na cidade de Nova Iorque, como um instrumento para o combate às drogas. Demonstra que, ao contrário de ter sido um remédio para a cura do crime, o programa apresentou, na sua prática, um lado obscuro de repressão, desigualdade, desrespeito e preconceito. Sua aplicação no combate ao narcotráfico provocou insatisfação da população em relação ao tipo de ação policial empregada e uma mutação do modus operandi do crime.*

Palavras-chave: *Tolerância Zero. Janelas Quebradas. Desigualdade. Repressão. Tráfico de Drogas.*

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas de 80 e 90, o fenômeno da criminalidade foi alvo de grandes discussões, não só no Brasil, mas também em diversas partes do mundo, devido ao seu aumento e à comoção social que causara na população. No caso do Brasil, como apresentado por Peralva (2000), esse período demonstrou um número de homicídios em escala ascendente, que provocou reações imediatistas por parte do governo e abusos por parte da polícia a fim de contê-la. Para Athaíde (2005), o tráfico de drogas também teve seu destaque na ocupação do espaço, traçando uma linha limítrofe entre ele e o Estado, o que favoreceu não somente os crimes de sangue como também aqueles ligados ao patrimônio. Uma das reações imediatistas adotada no Brasil – de uma forma indireta – e em outros países tanto da Europa quanto da América Latina e do Sul, foi o mais

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

conhecido programa de redução da criminalidade aplicado na cidade de Nova Iorque.

A fim de compreender um pouco mais sobre o programa, este ensaio foi motivado com base no artigo *Tolerância Zero – a Má Interpretação dos Resultados*, elaborado por Wendel e Curtis (2002). O objetivo do trabalho realizado por esses autores foi analisar os efeitos do Programa *Tolerância Zero* em relação ao combate ao mercado das drogas, a eficácia das estratégias de policiamento para a redução das taxas de criminalidade e melhorias da qualidade de vida nos bairros nova-iorquinos. A metodologia utilizada por eles foi relacionar as formas de policiamento empregadas no programa em resposta aos crimes que envolvem o comércio de droga, mensurar o seu impacto contra essa modalidade criminosa e identificar outros mecanismos que favoreceram a redução ou a diminuição ostensiva dos traficantes nas ruas. Também, baseou-se em dados de pesquisas etnográficas como o projeto *A heroína no século 21* e no estudo *O tráfico de Lower East Side*, bem como em trabalho de observação, entrevistas e acompanhamento das atividades dos usuários de drogas e traficantes em locais onde se detectava este tipo de conduta criminosa, interação com a família dos usuários e não usuários, acompanhamento do serviço policial, estudo dos dados e estatísticas oficiais do sistema de justiça criminal entre outras pesquisas.

Neste ensaio, serão citados os dois lados da moeda apresentados pelo programa *Tolerância Zero*, sendo um relacionado às modificações estruturais positivas que sagraram as agências policiais de Nova Iorque e do outro, o lado obscuro que poucos conhecem. Em virtude disso, houve a motivação de colocar o título deste ensaio diferente do texto base.

Comentaremos em poucas linhas o programa *Tolerância Zero* com o intuito de compreender sua origem e seus objetivos. Posteriormente, será discutido o lado perverso do programa que também foi foco de muitas discussões por teóricos e membros de organizações representantes dos mais desfavorecidos nos Estados Unidos da América (EUA). Em seguida, analisaremos o programa em relação ao combate ao tráfico de drogas e

sua efetividade em relação ao programa que é o objeto de estudo do texto base. Por fim, encerrar-se-á a discussão com breves comentários sobre o ensaio em epígrafe.

2 TOLERÂNCIA ZERO E O ESTUDO DAS JANELAS QUEBRADAS

Nos idos da década de 90, a política da *Tolerância Zero* foi um trabalho idealizado e iniciado pelo então Prefeito de Nova Iorque, Rudolph Giuliani, num momento em que os nova-iorquinos viviam uma ascendência considerável de desordem e de crimes, levando a cidade a um conceito mundial de *cidade mais violenta do mundo*¹. Giuliani embasou sua política num estudo chamado *Janelas Quebradas* elaborado pelo cientista político James Q. Wilson e o psicólogo criminologista George Kelling que, devido sua relevância mundial, é mais conhecido como teoria. Rolim (2006) destaca que *essa pretensa teoria é tudo, menos uma teoria científica*, pois, na verdade, foi um estudo na forma de texto de nove páginas, publicado em 1982, numa revista cultural norte-americana, de grande circulação semanal, conhecida como *Atlantic Montly*. O estudo também não apresentava nenhum embasamento técnico-científico e indícios de prova empírica. Indiferente disso, Giuliani, assistindo a diversos encontros em universidades em que os idealizadores da *Teoria das Janelas Quebradas* se encontravam, utilizou a (in)segurança pública como marco para sua campanha à prefeitura. Venceu, e aplicou a teoria. Sua experiência ficou conhecida em todo o mundo, sendo até mesmo considerada pelos mais cépticos como uma panacéia para a redução dos crimes. Fazendo uma analogia em que uma janela quebrada pode significar desordem, bagunça, desalinho, descuido, a teoria tinha como pressuposto básico que se um lugar apresentar características de desleixo, bagunça, maus-tratos e tolerância de pequenas infrações criminais cometidas por indivíduos desordeiros, ocorreria um ambiente de insegurança, servindo de *ninho* apropriado para se cometer crimes. George Kelling e Catharine Coles² citados por Belli (2004, p. 65)

¹ Wacquant (2001, p. 30) apresenta dados de que este tipo de afirmação nunca foi verdadeiro. Ver também Yong (2002).

² George L. Kelling e Catherine M. Coles, *Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing Crime in our Communities*, New York, Touchstone, 1997, p. 243.

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

apresentam o que consideram como sendo os quatro eixos que explicariam a relação da teoria com a redução do número de crimes. O primeiro está relacionado à importância da informação e do conhecimento de pequenos delitos e de infratores para que a polícia possa prendê-los. O segundo está relacionado à ostensividade da polícia e sua concentração em locais que apresentam um alto grau de desordem, protegendo os “bons meninos”. O terceiro é a retomada dos cidadãos aos espaços públicos, garantindo a manutenção da ordem. E o quarto é o envolvimento da comunidade na preservação da ordem, fazendo com que os problemas naquele local deixem de ser exclusivamente da polícia.

Utilizando esses princípios, em 1994, o programa *Tolerância Zero* – também chamado de *programa de qualidade de vida* – foi implantado pelo Prefeito Giuliani, juntamente com o Comissário de Polícia Willian Bratton, que, além da preocupação em atacar as pequenas infrações do cotidiano, adotou instrumentos semelhantes à reengenharia industrial, aumentando o efetivo da polícia, informatizando os departamentos, modernizando os equipamentos policiais, descentralizando a responsabilidade de resolver os problemas de crime aos chefes de delegacias, informatizando o acompanhamento dos índices de criminalidade, criando mecanismos de avaliação de produtividade dos policiais, implementando uma cultura de planejamento de avaliação corretiva e de troca de informação entre os policiais e utilizando a metodologia do CompStat (*Computerized Statistics*) que, traduzindo para o português, significa Estatística Computadorizada ou geoprocessamento.

Se por um lado, a política deu um novo desenho para se estudar, analisar, compreender e efetivar ações que fossem as mais adequadas para se combater o crime no que tange às reformas estruturais dos departamentos de polícia nova-iorquinos, as atuações policiais nas ruas eram de preconceitos e discriminações (ANEMONE, 2002; SOARES, 2000 e 2002). Como uma das diretrizes do programa era combater a desordem, retirando das ruas as pessoas que a provocavam, como por exemplo, andarilhos, pedintes, flanelinhas, vendedores ambulantes, menores abandonados, bem como uma atuação mais efetiva da polícia

Vanderlan Hudson Rolim

em locais de baixa renda, as ações para a prevenção eram pouco utilizadas como prioridade. A repressão no programa *Tolerância Zero* era a máxima. Tirar as pessoas carentes, pobres, negros, imigrantes das ruas de Nova York e prendê-las, ao invés de dar-lhes condições sociais mais acessíveis para melhorar suas qualidades de vida, era a solução do problema. A sociedade, não vendo essas pessoas que, para ela, eram o motivo para o aumento da criminalidade, traria novamente um ambiente de ordem e segurança. Repressão era a saída. Além de resgatar a ordem, tornava-se visível a eficiência e a eficácia da polícia. Podia-se medir a qualidade do trabalho da polícia, bem como o nível de produtividade de cada policial. Teria, assim, respostas mais efetivas e transparentes para a sociedade. A população daria um grito de *viva* para a polícia e uma *vaia* para os desordeiros.

Assim, o Prefeito conseguiu reduzir o crime em Nova Iorque. Mas deve-se observar que, conforme Christian Parentti³, citado por Belli (2004), este assinala que um dos motivos da eficiência do programa não está, efetivamente, na sua única e exclusiva aplicação. Christian comenta que a vivência da redução dos crimes estaria também relacionada à diminuição da população jovem, à queda na taxa de desemprego, apresentação de um quadro de estabilização e exaustão do mercado de *crack*, à falsificação dos relatórios produzidos pelos policiais sobre a ocorrência de delitos e à ocorrência de invernos mais rigorosos nos períodos analisados. Belli (2004, p. 74), citando Fox Butterfield⁴, ressalta também que os índices de criminalidade em Nova Iorque, três anos antes de Giuliani assumir a prefeitura, já apresentavam quedas significativas, não somente na cidade, mas também em todo o país.

Em Soares (2000, p. 350 e 351) é apontado que especialistas atribuíram o benefício de crescimento econômico à queda do desemprego, integração social da juventude, decréscimo do número de jovens na

³ CHRISTIAN PARENTTI, *Lockdown América: Police and Prisons in the Age of Crisis*, New York, Verso, 1999. (Ver capítulo 4)

⁴ FOX BUTTERFIELD, "Cities Reduce Crime and Conflict without New York-Style Harbals", em *The New York Times*, 04/03/2000, pp. A-1 e B-4.

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

população como fatores que contribuíram na redução da criminalidade. Como isso não era conhecido pela população, a atuação maciça contra aqueles que provocavam a imagem desordeira da cidade – que eram pobres, negros e imigrantes – foi o motivo para redução do crime.

O preconceito aflorou no seio policial. A tônica era que esses *estrangeiros* compunham o martírio para tanta inquietação e deveriam ser retirados do meio social. Não haveria lugar para esse grupo.

O *Tolerância Zero*, mostrou então, por outro lado a sua cara de intolerância à moralidade, ao direito, ao respeito dos direitos humanos e ao estado do bem-estar. É enxergar falsamente que o obstáculo para se alcançar a ordem está nos indivíduos excluídos. Nas palavras de Belli (2004):

[...] é a expressão, no campo da gestão policial da segurança pública, de um contexto em que prevalece a descrença na reabilitação, na busca das causas sociais do crime, na transformação de estruturas sociais, na superlotação da exclusão produzida e reproduzida diariamente nas relações sociais.

Na preocupação de se dar uma resposta efetiva à população dos resultados da política e da competente atuação dos departamentos em desvendar crimes, bem como na importância de produzir serviços, os policiais provocavam uma verdadeira caça aos criminosos, ou melhor dizendo, à população carente e comunidades pobres. Os alvos eram bem escolhidos de acordo com a cor e com a pele. As perguntas básicas: *de onde você é? Onde você mora?* já participavam de uma espécie de perguntas de um manual básico policial tendo como resposta a respectiva conduta. Belli (2004) aponta que o comportamento policial traduzia uma clara percepção de que a revista praticada pelos policiais era preferencialmente nos negros, imigrantes, jovens gazeteiros que, segundo o programa, eram mais propensos ao crime⁵. Resultado disso foi um

⁵ No Brasil, um estudo publicado em 2005 traz situações semelhantes do comportamento policial em relação às classes mais pobres. Para maiores informações ver: RAMOS Sílvia; MUSUMECCI, Leonarda. *Elemento Suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro*. Coleção Segurança e Cidadania. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

aumento de aproximadamente 62% no número de queixas de brutalidade policial. Mas isso não era importante, pois o trabalho tinha que ser feito, a população tinha que estar segura, a desordem era exclusivamente um problema de polícia, a cidade tinha que ser limpa, a repressão era a solução.

3 A APLICAÇÃO DO PROGRAMA E SEU REFLEXO NO COMBATE ÀS DROGAS

Além da preocupação com a desordem, a inquietação dos nova-iorquinos também girava em torno da questão das drogas. No trabalho realizado por Valencia (2006) é apresentado dados de que morrem, por ano, aproximadamente 50 mil cidadãos americanos envolvidos com as drogas. Wendel e Curtis (2002) apresentam em seus estudos uma análise da efetividade do programa *Tolerância Zero* no combate ao tráfico e uso de drogas. Verificou-se que existem poucas evidências em que possa certificar ou, pelo menos, citar que o programa provocou impactos significativos de redução do uso e tráfico de drogas em Nova Iorque. O que se pode perceber é que a repressão, mais uma vez, foi a evidente forma de se combater esta modalidade criminosa. Por parte da polícia nova-iorquina, a preocupação de se tirar, ou melhor dizendo, *limpar* das ruas aqueles que eram considerados desordeiros, muitas prisões e táticas mais agressivas do policiamento foram os métodos mais utilizados. Com isso, o próprio mercado das drogas sofreu reconfiguração no tempo, no espaço, no *modus operandi* e na migração para áreas menos fluentes. Para Wendel e Curtis (2002), mudanças estruturais ocorridas nos bairros periféricos, da preferência do tipo de droga pelos consumidores e do comportamento da polícia foram alguns dos fatores que também contribuíram para esse novo redimensionamento do mercado das drogas, além de: a) policiais que atuavam nessa área deixavam-se corromper aceitando propina do mercado ilegal das drogas. Com isso, transferiu-se a responsabilidade para os esquadrões especializados; b) nos anos 70, a recessão estatal americana em deixar de investir na infra-estrutura urbana e de garantir os serviços básicos à população foi preenchida pelas organizações de drogas provocando o surgimento de máfias e similares; c) após a defasagem do mercado de ações na economia nova-

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

iorquina, houve o ressurgimento da ocupação de imóveis abandonados retomando os investimentos nesses locais; e d) crescimento do mercado de serviços abriu oportunidade de jovens ingressarem no mercado legal em detrimento do crime.

No caso da polícia, com o afastamento dos policiais corruptos, a equipe do programa Tactical Narcotics Team (TNT)⁶ assumiu a missão e realizou várias intervenções repressivas, ostensivas e veladas nos bairros de Nova Iorque. Houve grande número de prisões e apreensões e esse novo desenho estrutural e policial nova-iorquino provocou uma readaptação para que o mercado da droga sobrevivesse. Ao invés dos traficantes e usuários ficarem vagando pelas ruas e potencializarem seus riscos em serem presos, passaram a comercializar e consumir suas drogas em domicílio. Também acompanhavam quanto tempo a TNT ficava numa determinada área, sabiam os dias que seus membros realizavam suas operações e migravam para locais onde a TNT ainda não havia chegado, facilitando a transação ilícita. Devido à discriminação racial, os traficantes passaram a utilizar jovens de cor branca e sem passagem pela polícia a fim de diminuir a chance de êxito nas prisões e apreensões por parte da polícia, já que os jovens negros eram tratados como um eternos suspeitos e suas chances de serem abordados pela polícia era maior. Produziu-se, com isso, uma baixa nas prisões dos infratores. Acreditava-se que o crime estava controlado, mas não estava.

No segundo mandato à frente da prefeitura de Nova Iorque, Giuliano intensificou a batalha contra as drogas, na forma de repressão, é claro! Passaram a atacar a periferia, invadir casas e molestar, ainda mais, as pessoas de cor. A prisão e a repressão por causa de cocaína e *crack* provocaram uma baixa na efetividade operacional da polícia. Com isso, a busca pela produtividade policial fazia com que a maconha se tornasse o alvo da vez, quando não se falava em *forçar*⁷ o crime. Quando um infrator

⁶ A Tactical Narcotics Team é um esquadrão de policiais especializados, da cidade de Nova Iorque, que estão na linha de frente do combate ao crime.

⁷ O termo *forçar*, para este ensaio significa conduta de um policial em provocar uma prisão de um suspeito sem embasamento legal; procurar algo para que ele fosse preso; imputá-lo como culpado por algo que não cometeu.

era preso, a condenação instantânea era uma extensão da repressão. O preso era cerceado de todos os seus direitos, principalmente da ampla defesa e contraditório. Isso quando ele não queria *colaborar* com a polícia e ficava mais tempo em cárcere com os policiais. Tudo era resolvido nos departamentos em menos de 24 horas. Giuliani afirmava que os índices de criminalidade baixaram porque os traficantes não controlavam mais as ruas. Mas esqueceu-se de que os traficantes controlavam o interior das casas, onde ele não poderia ir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que o programa *Tolerância Zero* não foi nada mais além que um marketing globalizado de conduta plausível, viável e panacético no diagnóstico da insegurança pública em Nova Iorque e nos diversos países que embasaram suas políticas no modelo nova-iorquino.

Não se pode desconsiderar que o programa trouxe grandes benefícios aos departamentos policiais. Despertou para uma nova maneira de se *enxergar* o crime utilizando instrumentos informatizados no processamento de dados criminais, preocupou-se em medir e avaliar a produção dos serviços policiais, atribuiu a responsabilidade da redução da criminalidade aos delegados distritais e criou um fórum de discussão com reuniões programadas para avaliar a situação da criminalidade e sugerir ações para sua redução⁸. Mas também colocou em evidência que a solução de crimes na cidade está tipicamente nas mãos da polícia eliminando qualquer outro tipo de participação comunitária e de envolvimento social.

O programa eliminou a possibilidade da prevenção ocupar o seu lugar, destacando a repressão como o caminho mais adequado no combate ao crime, com respostas imediatas e de fácil mensuração. Trouxe a imagem de que os pobres sempre serão a *bola da vez*, desviando os olhos da população para que se esqueça dos crimes típicos de *colarinho branco*.

⁸ SOUZA, Elenice. *O Modelo Igesp - Implementação e Avaliação*. Belo Horizonte, Dez, 2005. Palestra proferida para representantes da SEDS, PMMG e PC no Fórum de Avaliação do Igesp. Este modelo se semelha ao CompStat.

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

Fortaleceu as diferenças étnicas e econômicas. Os alvos estavam em evidência, negros e pobres. Os beneficiários (brancos) estavam sendo contemplados com um Estado radical e extremamente penal.

Por mais que o combate às drogas tenha apresentado resultados positivos na sua redução e no desaparecimento dos traficantes e usuários nos locais públicos, o problema não deixou de existir. O que aconteceu foi uma rearticulação dos meios para que o mercado não parasse e dificultasse o acesso da polícia a essas drogas. A conduta criminosa mudou, a polícia não.

Percebe-se que o programa não trabalha nenhuma hipótese de envolvimento de mudanças nas áreas econômica e social. A associação destas com as formas de policiamento poderiam ser grandes parceiras na diminuição do delito aqui estudado. Wendel e Curtis (2002) comentam que nos locais onde havia ocorrência de tráfico e uso de drogas, mudanças econômicas, sociais e estruturais provocaram impactos mais significativos na redução desse delito do que, efetivamente, o modelo de policiamento agressivo sugerido pelo programa.

A inconformidade da sociedade com a criminalidade é motivada por fatores sentimentais implicando sempre medidas mais duras contra os infratores por mais leis, mais penas, mais prisões. Os operadores da segurança pública não podem seguir esse mesmo caminho. O tráfico, apesar de contaminar e envolver diversas classes sociais, seu combate sempre está com a mira apontada para os pobres. Verifica-se que os resultados da repressão não são os mais satisfatórios, pois a raiz do problema perdura.

Os instrumentos repressivos que ainda continuam servindo como bases para a erradicação das drogas não podem mais ser considerados como únicas saídas, levando em consideração a dimensão estrutural e espacial que o tráfico apresenta no mundo moderno. A experiência mostra claramente isso.

Assim, ações de combate às drogas, que se baseiam em ações

Vanderlan Hudson Rolim

repressivas, são importantes, mas muitas vezes, não são tão efetivas. E na visão do autor deste ensaio, para que o programa alcançasse seus objetivos, seria ideal que se buscassem as seguintes metas:

- a) a minimização dos danos causados pelo tráfico;
- b) o investimento nos jovens como possibilidade de mudança;
- c) a consciência do profissional de polícia em fazer a coisa certa e em benefício da coletividade;
- d) a conscientização social de que a exclusão provoca dimensões que impedem uma compreensão mais palpável do real;
- e) a educação como consolidação dos valores sociais e como construção de um futuro digno;
- f) o apoio do governo em produzir ações que levem àqueles que desejam sair do mundo do crime a esperança de um futuro justo e sociável;
- g) a chance de receber a carga de confiança para a mudança quebrando a resistência de uma cultura autoritária e irredutível;
- h) a atuação da polícia em trabalhos preventivos, treinamentos e diminuição do preconceito étnico – econômico;
- i) focalização inteligente e profissional da polícia eliminando a criação de pára-raios ambulantes como sendo as torres para a descarga da culpa de uma desordem social;
- j) trabalhos comunitários dignos de uma humanização, participação, oportunismo e cidadania;
- k) a humanização do criminoso através de um sistema que dê a pena adequada e a condição necessária para sua recuperação e não para sua repugnação;

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

l) estimular o criminoso a se desenvolver como pessoa sendo que, para isso, necessário é trabalhar sua auto-estima;

m) preencher um espaço vazio que fora deixado pela ausência de uma família e pela repulsa de uma sociedade consumista;

n) realizar trabalhos de recuperação do usuário juntamente com sua família.

***Abstract:** In this essay the Zero Tolerance Policy will be presented, as used in New York City, as an instrument for the combat against drugs. It demonstrates that, unlike having been a medicine for the cure of crime, the program presented, in its practice, an obscure side of repression, inequality, disrespect and prejudice. Its application against drug trafficking provoked dissatisfaction of the population in relation to the type of action taken by the police and a change in the modus operandi of crime.*

***Key-words:** Zero tolerance. Broken windows. Inequality. Repression. Drug traffic.*

REFERÊNCIAS

ANEMONE, Louis. Paradigmas de Nova York. A reforma da polícia de Nova York. **In:** OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.). **Insegurança Pública**. Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 223-226.

ATHAIDE, Celso [et al]. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2005. p. 180, 245 a 250.

BELLI, Benoni. **Tolerância Zero e democracia no Brasil**: visões da segurança pública na década de 90. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 61-85.

LOIC, Wacquant. **As prisões da miséria**. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia**: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROLIM, Marcos. **Tolerância Zero**. Disponível em: <<http://www.rolim.com.br>>. Acesso em: 23Ago2006.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general**: 500 dias no front da segurança pública no Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, Luiz Eduardo. O Enigma de Nova York. **In:** OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.). **Insegurança Pública**. Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 227-237.

VALÊNCIA, Leon. **Drogas, conflito e os EUA. A Colômbia no início do século**. Estud. av. vol.19, no.55, São Paulo Sept./Dec. 2005 Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 22Out.2006.

WENDEL; CURTIS Travis, Ric. Tolerância Zero – A Má Interpretação dos Resultados. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 267-278, dezembro de 2002.

Tolerância Zero - um sinônimo para a repressão

YONG, Jock. **A Sociedade Excludente**. Exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002. 314 p. (Coleção Pensamento Criminológico, 7).